

CONTOS DE FADAS MODERNOS

The cover features two butterflies with brown, yellow, and white wings perched on a green thorny vine. The vine forms a circular frame around the title. The butterflies are positioned at the top and bottom of the frame.

# TITHE



Galera

Da autora de *O príncipe cruel*

# HOLLY BLACK

# TITHE

## HOLLY BLACK

Tradução  
Regiane Winarski

1ª edição

— **Galera** —  
RIO DE JANEIRO  
2022

Editora-executiva  
Rafaella Machado  
Coordenadora editorial  
Stella Carneiro  
Equipe editorial  
Juliana de Oliveira  
Isabel Rodrigues  
Lígia Almeida  
Manoela Alves

Consultoria  
Edu Luckyficious  
Preparação  
Adriana Fidalgo  
Revisão  
Renato Carvalho  
Diagramação  
Myla Guimarães  
Título original  
*Tithe*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

B562t Black, Holly, 1971-

Tithe [recurso eletrônico] / Holly Black ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2022.  
recurso digital

Tradução de: Tithe

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-116-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

22-75744  
CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

---

Copyright © 2002 by Holly Black  
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA. Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-116-8

Seja um leitor preferencial Record. Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

*Para minha irmãzinha Heidi*

*E agradável é o Reino das Fadas, Mas há um mistério a contar, No final de sete anos Ao inferno precisamos pagar; Com minha aparência e tamanho, Temo ser o tributo que vão entregar.*

**— JOVEM TAM LIN**

# Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Sobre a autora



## PRÓLOGO

*E o malte faz mais do que Milton pode fazer  
Para justificar os desígnios de Deus para o homem.*  
— A.E. HOUSMAN, “TERENCE, THIS IS STUPID STUFF”

**K**aye deu outra tragada no cigarro e o jogou dentro da garrafa de cerveja da mãe. Achou que seria um bom teste para medir o quanto Ellen estava bêbada... ver se ela engoliria uma guimba inteira.

Elas ainda estavam no palco, Ellen e Lloyd e o restante da banda Stepping Razor. Tinha sido uma apresentação ruim e, ao vê-los desmontar o equipamento, ela percebeu que eles sabiam. Não fez diferença, o equipamento de som soou alto e cheio de chiado e todo mundo ficou bebendo e fumando e gritando, e ela duvidava que o gerente se importasse. As pessoas até dançaram um pouco.

O barman a encarou novamente e ofereceu uma bebida “por conta da casa”.

— Leite — disse Kaye com um sorrisinho, puxando para trás o cabelo louro e desgrenhado, e afanando algumas caixas de fósforo quando ele virou de costas.

A mãe apareceu ao seu lado e deu um longo gole na cerveja antes de cuspir tudo na bancada.

Kaye não conseguiu segurar a risada cruel que lhe escapou dos lábios. Sua mãe olhou para ela sem acreditar.

— Vá ajudar a carregar o carro — disse Ellen, a voz rouca de cantar. Ela estava tirando o cabelo úmido do rosto. O batom tinha saído da parte interna dos lábios, mas continuava presente no contorno, meio borrado. Ela parecia cansada.

Kaye saiu do balcão e pulou no palco com um movimento ágil. Lloyd a olhou de cara feia quando ela começou a pegar as coisas aleatoriamente, e por isso Kaye decidiu pegar apenas o que era da mãe. O olhar dele estava vidrado.

— Ei, garota, tem algum dinheiro?

Kaye deu de ombros e pegou uma nota de dez dólares. Tinha mais e ele devia saber; ela viera direto do Chow Fat's. Entregar comida podia não render muito, mas pagava melhor do que ser membro de uma banda.

Ele pegou o dinheiro e foi para o bar, provavelmente para comprar cerveja para viagem.

Kaye arrastou um amplificador pelo meio da multidão. A maioria das pessoas saiu da frente. O fresco ar de outono do lado de fora do bar foi um alívio, mesmo fedendo a ferro e escapamento e metrô. A cidade sempre tinha cheiro de metal para Kaye.

Quando o equipamento estava guardado, ela voltou para dentro com a intenção de enfiar a mãe no carro antes de alguém quebrar a janela e roubar alguma coisa. Não se podia deixar nada em um veículo na Filadélfia. Na última vez que o carro de Ellen havia sido arrombado, foi para pegar um casaco de segunda mão e uma sacola de toalhas.

A garota que verificava as identidades na porta franziu a testa para Kaye agora que ela estava sozinha, mas deixou que entrasse mesmo assim. Era tarde, afinal, quase hora de fechar. Ellen ainda estava no bar, fumando um cigarro e bebendo algo mais forte que cerveja. Lloyd conversava com um cara de cabelo comprido e

escuro. O homem parecia bem-vestido demais para o bar. Devia ter pago uma rodada, porque Lloyd tinha o braço no ombro do sujeito, e Lloyd não costumava ser um cara simpático. Ela vislumbrou os olhos do homem. Eram amarelos como os de um gato e refletiam na luz suave. Kaye estremeceu.

Mas Kaye via coisas estranhas às vezes. Ela já aprendera a ignorá-las.

— O carro está pronto — disse Kaye para a mãe.

Ellen assentiu sem nem prestar atenção.

— Pode me dar um cigarro, querida?

Kaye tirou um maço da bolsa militar e pegou dois, oferecendo um para a mãe e acendendo o outro.

Sua mãe se inclinou para perto, o cheiro de uísque e cerveja e suor tão familiar quanto qualquer perfume.

— Beijo de cigarro — disse sua mãe de um jeito bobo, que era constrangedor e fofo ao mesmo tempo, tocando a ponta do cigarro na ponta vermelha do de Kaye e inspirando fundo. Duas tragadas de fumaça e o tabaco ganhou vida.

— Prontas para voltar pra casa? — perguntou Lloyd. A voz soou macia, quase imoral. Não a voz babaca normal de Lloyd. Nem um pouco.

Ellen não pareceu reparar em nada. Ela engoliu o que restava da bebida.

— Lógico.

Um momento depois, Lloyd avançou em cima de Ellen com uma velocidade que só podia significar violência. Kaye reagiu sem pensar e se jogou contra ele. Foi com certeza apenas a embriaguez dele que permitiu que o pouco peso dela fosse suficiente para tirar o equilíbrio de Lloyd. Mas deu certo. Ele quase caiu e, em um esforço para se segurar, soltou o que estava segurando. Ela só viu a faca quando tilintou no chão.

O rosto de Lloyd parecia completamente vazio, desprovido de emoções. Seus olhos estavam arregalados, e as pupilas, dilatadas.

Frank, o baterista da Stepping Razor, segurou o braço de Lloyd, que teve apenas tempo de lhe dar um soco na cara antes que outros clientes o derrubassem e alguém chamasse a polícia.

Quando a polícia chegou, Lloyd não conseguia se lembrar de nada. Mas estava furioso, xingando Ellen a plenos pulmões. A polícia levou Kaye e a mãe para o apartamento de Lloyd e esperou a garota arrumar as roupas e as coisas das duas em sacolas de lixo. Ellen estava ao telefone, tentando encontrar um lugar onde pudessem dormir.

— Querida — disse Ellen por fim —, a gente vai ter que ir pra casa da sua avó.

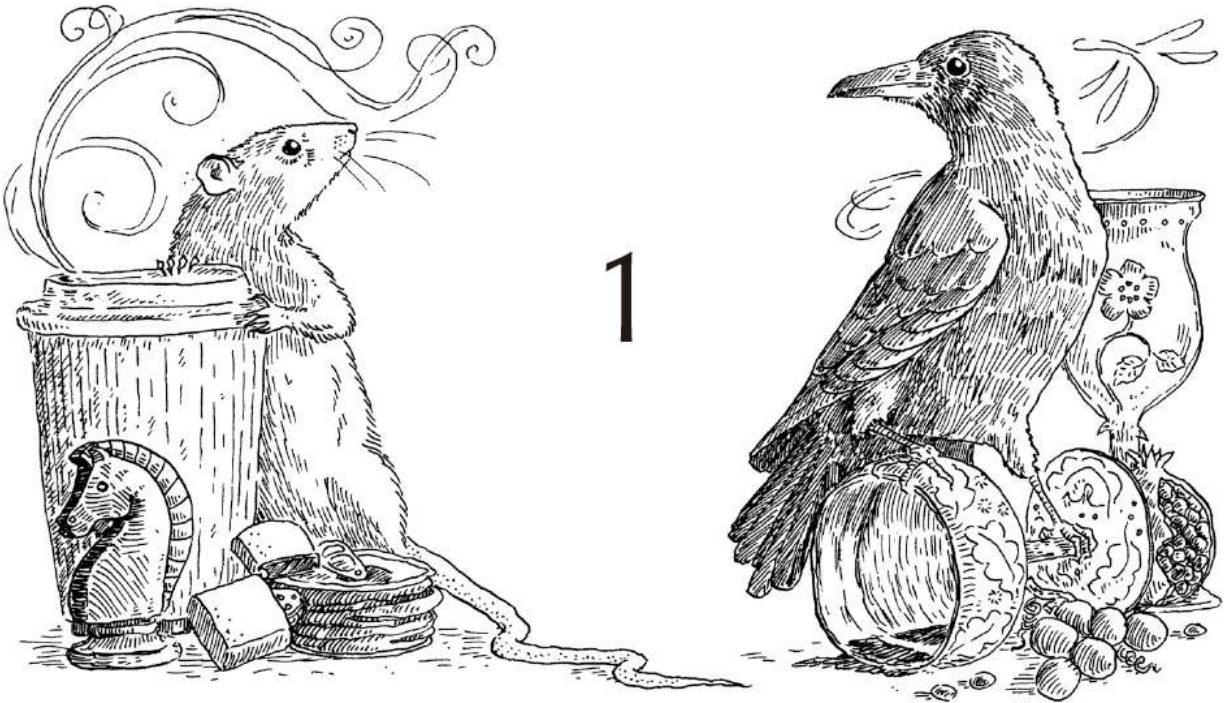
— Ela disse que não tinha problema? — perguntou Kaye, enfiando os discos da Grace Slick em um caixote vazio de laranjas. Elas não a tinham visitado nenhuma vez nos seis anos que deixaram Nova Jersey. Ellen mal falava com a mãe nos feriados antes de passar o telefone para Kaye.

— Mais ou menos. — Ellen parecia exausta. — Vai ser só por um tempo. Você pode visitar aquela sua amiga.

— Janet — disse Kaye. Ela esperava que fosse dela que Ellen estivesse falando. Esperava que a mãe não estivesse zombando dela. Se precisasse ouvir mais uma sílaba sobre Kaye e seus amigos imaginários fofos...

— Aquela pra quem você manda e-mails da biblioteca. Pega outro cigarro pra mim, querida? — Ellen jogou uns cds no engradado.

Kaye pegou uma jaqueta de couro de Lloyd da qual sempre gostou e acendeu um cigarro para a mãe no fogão. Não fazia sentido desperdiçar fósforos.



*Coercitivo como um coma, frágil como insinuações em flor de sua madrugada  
inversa inunda o eu; Todos os nossos corpúsculos se tornam elfo.*

— MINA LOY, "MOREOVER, THE MOON", THE LOST LUNAR BAEDEKER

**K**aye andou mais devagar pelas tábuas cinzentas e gastas do calçadão. O ar estava pesado e fedia a mexilhões secos e à crosta de sal do cais. As ondas se lançavam na costa, arrastando lodo e areia entre seus dedos ao voltar lentamente para o mar.

A lua estava alta e pálida no céu, mas o sol ainda se punha.

Era tão bom poder respirar, pensou Kaye. Ela amava a brutalidade serena do mar, amava a eletricidade que sentia com cada lufada de ar úmido e salgado. Ela girou novamente, tonta, não se importando que a saia subisse acima das meias pretas na altura das coxas.

— Vamos — chamou Janet. Ela passou por cima da sarjeta inundada e cheia de folhas, cambaleando ligeiramente nos sapatos plataforma de salto grosso. Sua maquiagem com purpurina brilhava sob os postes de luz. Janet exalou fantasmas de fumaça azul e deu outra tragada no cigarro. — Você vai cair.

Kaye e a mãe já estavam na casa da avó havia uma semana e, embora Ellen continuasse dizendo que partiriam em breve, Kaye sabia que elas não tinham para onde ir. Kaye se sentia feliz. Ela amava a casa grande e antiga coberta de poeira e naftalina. Gostava da proximidade do mar e do ar que não fazia a garganta arder.

Os hotéis baratos pelos quais as meninas passavam estavam fechados e cobertos por tapumes havia tempos, as piscinas, vazias e rachadas. Até os fliperamas fecharam, os prêmios nas máquinas de garras ainda visíveis pelas janelas de vidro embaçado. Marcas de ferrugem acima da fachada de uma loja abandonada delineavam as palavras caramelo com sal.

Janet vasculhou a bolsinha e tirou um bastão de gloss de morango. Kaye se virou na direção dela, o casaco de oncinha aberto, a meia já com fio puxado. Nas botas, havia areia grudada até a parte superior.

— Vamos nadar — disse Kaye. Ela estava eufórica com o ar da noite, queimando como a lua incandescente. Tudo tinha um cheiro úmido e selvagem, como o que antecedia uma tempestade, e ela queria correr, rápida e ávida, além do limite do que podia ver.

— A água está congelando — disse Janet, suspirando —, e seu cabelo está todo ferrado. Kaye, quando chegarmos lá, você tem que ficar de boa. Não seja tão esquisita. Os caras não gostam de gente esquisita.

Kaye fez uma pausa e pareceu ouvir atentamente, os olhos erguidos, maquiados com lápis preto observando Janet com a cautela de um gato.

— Como devo ser?

— Não é que eu queira que você seja de uma certa maneira. Você não quer ter um namorado?

— Por que se preocupar com isso? Vamos encontrar incubos.

— Incubos?

— Demônios. E é muito mais provável que os encontremos — sua voz ficou mais baixa, em tom conspiratório — enquanto estivermos nadando nuas no Atlântico, uma semana antes do Halloween, do que praticamente em qualquer outro lugar possível.

Janet revirou os olhos.

— Sabe o que o Sol parece? — perguntou Kaye. Só havia uma fatia de vermelho onde o mar encontrava o céu.

— Não, como? — perguntou Janet, passando o gloss labial para Kaye.

— Parece que cortou os pulsos em uma banheira e o sangue se espalhou pela água.

— Que nojento, Kaye.

— E a Lua está só olhando. Está o observando morrer. Deve ter sido ela quem o levou a fazer isso.

— Kaye...

Kaye fez outra pirueta, rindo.

— Por que você sempre inventa coisas? É isso que eu quero dizer quando digo esquisita.

Janet estava falando alto, mas Kaye mal conseguia ouvi-la com o vento e o som da própria risada.

— E aí, Kaye? Você se lembra das fadas de quem costumava contar histórias? Qual era o nome dele?

— Qual? Spike ou Gristle?

— Exatamente! Você os inventou! — disse Janet. — Você sempre inventa coisas.

Kaye parou de girar, inclinou a cabeça para um lado e colocou as mãos nos bolsos.

— Nunca falei que não inventei.



O antigo prédio do carrossel estava semiabandonado havia anos. Rostos angelicais de chumbo, cercados de raios de cabelo, dividiam as vidraças quebradas. Toda a fachada era uma vitrine e deixava à mostra o piso de terra, com vidro cintilando na sujeira. Lá dentro, uma rampa de skate rudimentar de compensado era a única coisa

que restava da tentativa de explorar a construção comercialmente, na década anterior.

Kaye ouviu vozes ecoando no ar parado em todo o caminho até a rua. Janet jogou o cigarro na sarjeta. A guimba soltou um chiado e foi levada rapidamente, boiando na água como uma aranha.

Kaye subiu no parapeito externo e passou as pernas. A janela já não existia, mas a perna deslizou em um resquício de vidro quando ela entrou, rasgando ainda mais a meia.

Camadas de tinta cobriam os ornamentos antes intrincados dentro do prédio do carrossel. A rampa no centro do aposento estava pichada por artistas locais e coberta de adesivos de bandas e rabiscos de caneta esferográfica. E havia os garotos.

— Kaye Fierch, você se lembra de mim, certo? — Doughboy riu. Ele era baixo e magro.

— Acho que você jogou uma garrafa na minha cabeça no sexto ano.

Ele riu de novo.

— Certo. Certo. Eu tinha me esquecido. Você não continua com raiva, né?

— Não — disse ela, mas o seu bom humor havia desaparecido. Janet subiu no alto da rampa de skate, onde Kenny estava sentado, um rei com a jaqueta de avião prateada, assistindo ao movimento. Bonito, com cabelo escuro e olhos ainda mais escuros. Ele ergueu uma garrafa quase cheia de tequila em cumprimento.

Marcus se apresentou com um aceno da garrafa da qual bebia, fazendo um gesto fingido de arremesso antes de deixar que ela a pegasse. Um pouco derramou na manga da camisa de flanela.

— Bourbon. Essa porra é cara.

Ela forçou um sorriso. Marcus voltou a tragar um charuto. Mesmo curvado, ele era um cara grande. A pele marrom da cabeça cintilava, e ela viu o lugar onde ele devia ter se cortado ao se barbear.

— Eu trouxe uns doces — disse Janet para Kenny. Ela havia levado jujuba e bala de amendoim.

— Eu trouxe uns doces — imitou Doughboy com uma voz aguda e estridente, pulando na rampa. — Dá aqui — exigiu.

Kaye caminhou pelo espaço. Era magnífico, velho e decadente e ótimo. A queimação lenta do bourbon na garganta era perfeita para aquele lugar, o tipo de coisa que um homem de terno de verão que sempre usava chapéu poderia beber.

— Que tipo de asiática você é? — perguntou Marcus. Ele tinha enchido o charuto com maconha e estava com uma ponta na boca. O cheiro denso e doce quase a fez engasgar.

Ela tomou outro gole da garrafa e tentou ignorá-lo.

— Kaye! Ouviu o que eu falei?

— Sou metade japonesa. — Kaye tocou no cabelo, louro como o da mãe. Era o cabelo que deixava as pessoas surpresas.

— Cara, você já viu os desenhos animados de lá? Tem umas garotinhas bem pequenininhas de maria-chiquinha e tal, com uns uniformes de escola bem curtinhos. A gente devia ter uns uniformes assim por aqui, cara. Você já usou um desses, hein?

— Cale a boca, babaca — disse Janet, rindo. — Ela estudou comigo e Doughboy no fundamental.

Kenny passou um dedo pela presilha da calça jeans da Janet e a puxou para beijá-la.

— Ah, bom, caramba. — Marcus riu. — Você não pode prender seu cabelo numa maria-chiquinha daquelas só um pouquinho? Por favor.

Kaye balançou a cabeça. Não, ela não faria isso.

Marcus e Doughboy começaram a brincar de chutar uma garrafa vazia de cerveja; não quebrou ao bater de uma bota na outra, mas fez um som oco. Ela tomou outro longo gole de bourbon. Sua cabeça já zumbia de forma agradável, no ritmo da música imaginária do carrossel. Ela se enveredou ainda mais na penumbra do ambiente, até onde umas placas velhas anunciavam pipoca e amendoim por cinco centavos cada.

Junto à parede mais distante, havia uma porta preta e envelhecida. Abriu aos solavancos quando ela a empurrou. O luar filtrado pelas janelas do salão principal revelou apenas um escritório com uma mesa antiga e um quadro de cortiça, os cardápios amarelados ainda presos ali. Ela entrou, embora o interruptor não funcionasse. Em um canto escuro, ela encontrou uma maçaneta. Aquela porta levava a uma escada com pouca luz vinda do alto. Ela

tateou para subir os degraus. As palmas das mãos ficaram cobertas de poeira quando ela as passou pelos corrimões. Ela espirrou alto, então espirrou mais uma vez.

No topo, havia uma janelinha iluminada pela lua assassina, cheia, enorme no céu. Havia caixas interessantes empilhadas nos cantos. Seus olhos pousaram no cavalo e ela esqueceu todo o resto. Era incrível: de um branco perolado brilhante e coberto com cacos de espelho. O focinho estava pintado de vermelho e roxo e dourado, e ele até tinha uma faixa de dentes brancos e uma língua pintada de rosa com espaço suficiente para um cubo de açúcar. Era óbvio o motivo de seu abandono: os quatro membros e parte da cauda tinham quebrado. Havia estilhaços pendurados onde deveriam estar.

Gristle teria adorado aquilo. Ela já tinha pensado a mesma coisa muitas vezes desde que saiu de Shore, seis anos antes. Meus amigos imaginários teriam adorado. Ela pensou na primeira vez que viu a cidade, iluminada como um Natal eterno. Mas eles nunca a visitaram quando morava na Filadélfia. E agora, aos dezesseis anos, parecia que não lhe tinha sobrado imaginação nenhuma.

Kaye colocou o bourbon no chão empoeirado e largou o casaco ao lado da garrafa. Tentou botar o cavalo em pé, como se fosse se apoiar nos cotocos arruinados. Ele oscilou, mas não caiu. Ela passou a perna sobre o animal e se sentou na sela, usando os pés para mantê-lo firme. Passou as mãos pela crina, que era entalhada em cachos dourados. Ela tocou nos olhos pretos pintados e nas orelhas lascadas.

O cavalo branco empinou em pernas hesitantes em sua mente. O corpo volumoso do animal parecia real e quente. Ela entrelaçou as mãos na crina e segurou com força, ligeiramente ciente de um formigamento nos membros. O cavalo relinchou baixinho sob ela, pronto para pular na água fria e escura. Ela inclinou a cabeça para trás.

— Kaye? — Uma voz baixa a arrancou do devaneio. Kenny estava parado perto da escada, olhando para ela sem entender. Mas, por um momento, ela se manteve firme. E logo sentiu as bochechas corarem.

Pego na meia-luz, ela o enxergou melhor do que lá embaixo. Duas argolas pesadas e prateadas brilhavam nos lóbulos das orelhas. O cabelo curto cor de canela estava bagunçado e ligeiramente ondulado, combinando com o cavanhaque ralo no queixo. Debaixo da jaqueta de aviador, a camiseta branca apertada demais exibia o corpo.

Ele se aproximou, esticou a mão, olhando em seguida para a própria mão de um jeito estranho, como se não se lembrasse de tê-la esticado. Ele fez carinho na cabeça do cavalo, lentamente, de forma quase hipnótica.

— Eu te vi — disse ele. — Vi o que você fez.

— Onde está Janet? — Kaye não sabia bem o que ele queria dizer. Até acharia que ele estava de brincadeira se não fosse o rosto sério, o jeito lento de falar.

Ele estava fazendo carinho na crina do animal agora.

— Ela estava preocupada com você. — A mão dele a fascinava, apesar de tudo. Parecia que ele a estava emaranhando em cabelo imaginário. — Como você fez o cavalo fazer aquilo?

— Fazer o quê? — Ela estava assustada agora, com medo e lisonjeada ao mesmo tempo. Não havia deboche nem provocação no rosto do garoto.

— Eu o vi se levantar. — A voz soou tão baixa que ela quase podia fingir que não o tinha escutado direito. Ele desceu a mão para a sua coxa e subiu até a calcinha de algodão.

Apesar de ela ter visto a progressão lenta daquela mão, o toque a sobressaltou. Ela ficou paralisada por um momento antes de dar um pulo e deixar o cavalo cair. O animal fez um estrondo, derrubando a garrafa de bourbon e o líquido escuro se espalhou pelo casaco de Kaye e encharcou a parte de baixo das caixas empoeiradas, como a maré chegando à noite.

Ele a agarrou antes que ela conseguisse reagir, a mão segurando a gola da camisa. Ela deu um passo para trás, desequilibrada, e caiu, a camiseta se rasgando e deixando visível o sutiã na hora que ele a soltou.

Passos soaram na escada.

— Que merda é essa? — Marcus apareceu no alto da escada com Doughboy, tentando empurrá-lo para ver.

Kenny balançou a cabeça e olhou ao redor com expressão atordoada enquanto Kaye pegava o casaco molhado de bourbon.

Os garotos saíram da frente e Janet chegou, encarando-os.

— O que aconteceu? — perguntou Janet, olhando confusa de um para o outro.

Kaye passou por ela enfiando a mão na manga do casaco enquanto o vestia.

— Kaye! — gritou Janet.

Ela a ignorou e desceu a escada dois degraus de vez, no escuro. Não havia nada que pudesse dizer para explicar o que tinha acontecido.

Ela ouviu Janet gritando.

— O que você fez com ela? Que porra você fez?

Kaye correu pelo salão do carrossel e passou a perna pelo parapeito. Os cacos de vidro que tinha evitado antes fizeram um corte fino na parte externa da coxa quando ela caiu no chão arenoso e nos arbustos.

O vento frio soprava agradável no seu rosto quente.

Cornelius Stone pegou a caixa nova de tralhas de computador e a arrastou pelo quarto, jogando-a ao lado das outras. Cada vez que a mãe voltava do mercado de pulgas com um monitor rachado, um teclado grudento ou apenas montes de fios, ela ficava com aquela expressão esperançosa que fazia Corny querer gritar. Ela não conseguia entender a diferença entre um 286 e um computador quântico. Não conseguia entender que a era da engenharia de guerrilha estava chegando, que ser uma porra de um gênio não bastava. Era preciso ser uma porra de um gênio rico.

Ele largou a caixa, lhe deu três chutes fortes, pegou a jaqueta jeans com a cabeça do diabo nas costas e foi para a porta.

— Dá pra você aproveitar aquelas coisas, querido? — Sua mãe estava no quarto de Janet, dobrando um novo par de jeans de segunda mão. Ela ergueu uma camiseta com gatos de pedrinhas brilhantes. — Acha que sua irmã vai gostar?

— Obrigado, mãe — disse ele, entre dentes. — Preciso ir trabalhar. — Ele passou pelo Marido, que estava curvado, pegando uma cerveja no engradado embaixo da mesa da cozinha. A gata

branca passeava pela bancada, a barriga inchada de outra ninhada, miando por comida enlatada ou picles ou sorvete ou alguma outra coisa. Ele fez carinho em sua cabeça, meio contrariado, mas, antes que a gata começasse a se esfregar para valer na mão dele, o garoto abriu a porta de tela e saiu para o pátio.

O ar fresco de outubro foi um alívio do ambiente fumacento de cigarro.

Corny amava seu carro. Era um Chevy cor de pátina, cheio de pontos de ferrugem e um forro pendurado, como pele flácida, no teto. Ele conhecia a própria aparência. Sabia que era narigudo. Que era magrelo e alto, com cabelo feio e pele pior ainda. Ele fazia jus ao nome que tinha. Cornelius. Corny. Corno. Mas não no carro. Lá dentro, era anônimo.

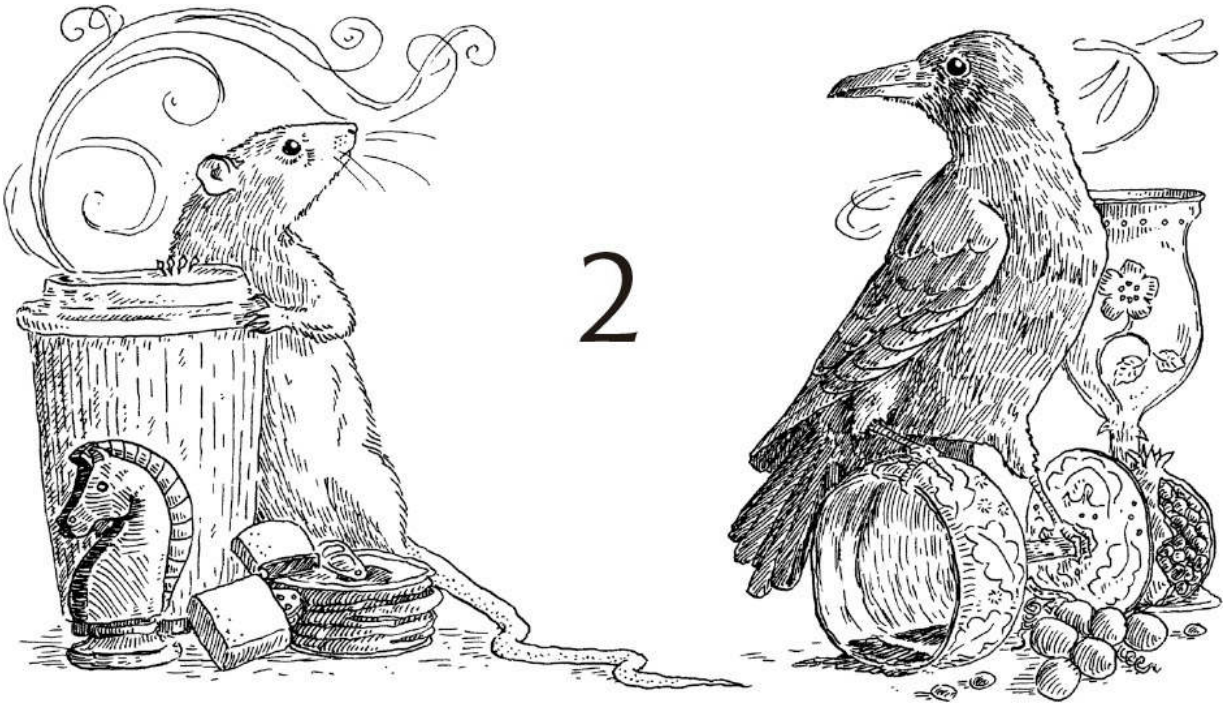
Todos os dias das últimas três semanas, ele saía um pouco mais cedo para o trabalho. Passava na loja de conveniência e comprava comida. Depois, ficava dirigindo aleatoriamente, pensando em como seria pegar a estrada e seguir, seguir, seguir até a gasolina acabar.

Naquela noite, ele comprou um café e um pacote de alcaçuz preto. Ficou um tempo folheando um livro com um dragão metálico na capa, leu as primeiras frases, torcendo para alguma coisa o interessar. O jogo estava ficando chato. Pior do que chato, fazia com que ele se sentisse ainda mais patético do que antes. Faltava quase uma semana para o Halloween e ele vinha fazendo aquilo havia tanto tempo que estava óbvio que ele jamais partiria de verdade. Ele tomou um gole de café e quase o cuspiu. Doce demais. Tomou mais um pouco e se preparou para o gosto. Nojento.

Corny saiu do carro e jogou o café no estacionamento. Fez um barulho satisfatório no asfalto. Ele entrou e se serviu de outro copo. Atrás do balcão, uma senhora com cabelo ruivo ondulado olhou para ele e apontou para a jaqueta.

— E quem você é, o diabo?

— Quem me dera — respondeu Corny, deixando 1,25 dólar na bancada. — Quem me dera.



*As pedras afiadas, O vento atrás de mim; Andando pela estrada, Um gato saltita assim.*

— THEODORE ROETHKE, "PRAISE TO THE END!"

O vento soprou gotas de chuva no rosto de Kaye. As gotinhas congelaram suas mãos e a fizeram tremer ao escorrerem pelo cabelo molhado, para dentro da gola do casaco. Ela foi andando de cabeça abaixada, chutando o lixo espalhado que tinha voado para o acostamento gramado da rodovia. Uma lata de refrigerante amassada deslizou para um coração de espuma coberto de crisântemos, colocado ali para marcar o local de um acidente de carro. Não havia casas daquele lado da rua, apenas um trecho longo de bosque alagado levando até um posto de gasolina. Ela estava na metade do caminho para casa.

Carros chiavam pelo asfalto. O som era reconfortante, como um longo suspiro.

Eu te vi. Vi o que você fez.

O horror se retorcia em suas entranhas, o horror e a raiva. Ela queria quebrar alguma coisa, bater em alguém.

Como ela poderia ter feito alguma coisa? Quando tentava fazer uma página de revista virar sozinha ou uma moeda cair com o lado da cara para cima, nunca dava certo. Como ela poderia ter feito Kenny ver um cavalo de carrossel de pernas quebradas se mover?

Sem falar que ela deveria também supor que Spike e Lutie e Gristle tinham sido imaginários. Ela voltara para casa fazia duas semanas, mas não havia sinal dos três, por mais que os chamasse, por mais que colocasse cumbucas de leite do lado de fora, por mais que descesse até o velho riacho.

Ela respirou fundo e aspirou chuva pelo nariz. Foi como chorar.

As árvores pareciam esquadrias de chumbo, mas sem o vidro entre os galhos. Ela sabia o que a avó diria quando voltasse fedendo a álcool e com a blusa rasgada. Coisas verdadeiras.

A mão dele em sua perna era o que realmente faria diferença para Janet. Isso e o fato de ela não ter feito nada para retirar a mão, mesmo que apenas por um momento. E ela conseguia imaginar o que ele estava dizendo para Janet agora, vermelho, irritado, bêbado, mas até uma mentira ruim soaria melhor do que a verdade.

Eu o vi se levantar.

Kaye também não iria poder contradizê-los. Quem acreditaria que ele tocou na virilha dela de propósito, mas rasgou a blusa sem querer? Então o que Kaye deveria dizer quando Janet perguntasse o que aconteceu? Janet já a achava uma mentirosa.

Ela ainda sentia o calor da mão de Kenny, um toque ardente na coxa em contraste com a pele encharcada de chuva. Tinha muitos motivos para se sentir culpada.

Outro sopro de chuva bateu em suas bochechas, esse levando consigo um grito, vindo da direção do bosque. O ruído foi breve, mas eloquente em sua dor. Kaye parou abruptamente. Não havia som exceto a chuva, chiando como estática de rádio.

Naquele momento, assim que um caminhão passou em disparada, levantando uma nuvem de água, ela ouviu outro som. Mais baixo, esse, talvez um gemido interrompido no final. Viera logo atrás do limite das árvores.

Kaye desceu o ligeiro declive de grama baixa e entrou no bosque. Passou por baixo dos galhos de um elmo, pisou em tufo de pequenas samambaias e roseira-brava. As plantas arranharam suas panturrilhas e deixaram gotas de chuva. O céu iluminado de tempestade banhava o bosque de prata. Um odor terroso e doce de podridão surgiu no lugar onde ela pisou no tapete de folhas.

Não havia ninguém lá.

Ela começou a se virar para a rodovia. Ainda era possível ver a estrada de onde estava. O que ela estava fazendo? O som devia ter vindo das casas do outro lado do riacho estreito que corria atrás do bosque. Mais ninguém seria burro a ponto de andar pelo bosque molhado no meio da noite.

Kaye voltou para a rodovia, pisando nos pontos que pareciam mais secos. Suas meias estavam cheias de carrapichos e ela se curvou para tirá-los.

— Fique onde está. — Ela se sobressaltou ao ouvir a voz. O sotaque era carregado e estranho, embora as palavras fossem pronunciadas com precisão.

Havia um homem caído na lama a poucos passos dela, segurando uma espada curva em uma das mãos. Brilhava como uma nesga de luar na penumbra. O cabelo comprido e cinza-prateado estava molhado e grudado até o pescoço, emoldurando um rosto longo e anguloso. Filetes de chuva desciam pela armadura preta que usava. Sua outra mão estava no coração, segurando um galho que se projetava do peito. A chuva ali estava manchada de cor-de-rosa por causa do sangue.

— Foi você, garota? — A respiração saía entrecortada.

Kaye não sabia bem o que ele queria dizer, mas balançou a cabeça negativamente. Ele não parecia muito mais velho do que ela. Certamente, não a ponto de chamá-la de “garota”.

— Então você não veio acabar comigo de vez?

Ela balançou a cabeça de novo. Ele tinha membros longos; seria alto se estivesse de pé. Mais alto do que a maioria das pessoas, mais alto do que qualquer fada que ela já tivesse visto; ainda assim, ela não tinha dúvida de que era do que se tratava, pelo simples fato das orelhas pontudas, dividindo o cabelo molhado. Ele também era bonito de um jeito que lhe roubava o fôlego.

Ele lambeu os lábios. Havia sangue neles.

— Que pena — disse ele baixinho.

Ela deu um passo em sua direção, e ele se colocou de cócoras, numa postura defensiva. Mesmo ferido, ele se moveu rapidamente. O cabelo caiu no rosto, mas os olhos, brilhando como mercúrio, a observavam com atenção.

— Você é fada, não é? — disse ela em tom tranquilizador, deixando as mãos onde ele pudesse vê-las. Ela havia ouvido histórias das fadas da corte, os nobres, contadas por Lutie-loo, mas nunca vira nenhum. Talvez ele fosse um.

Ele ficou imóvel, e ela se aproximou mais um pouco, esticando uma das mãos para acalmá-lo, como se ele fosse um animal fascinante e perigoso.

— Me deixe te ajudar.

O corpo do homem fada tremia de concentração. Seu olhar não se afastou do rosto de Kaye. Ele segurava o cabo da espada em um aperto que lhe esbranquiçava o nó dos dedos.

Ela não ousou dar outro passo.

— Você vai sangrar até a morte.

Eles ficaram assim mais alguns minutos, até que ele apoiou um joelho na lama. O homem fada se inclinou para a frente, os dedos segurando as folhas, e cuspiu sangue. Os cílios molhados sobre os olhos semicerrados eram tão prateados quanto um alfinete.

Ela deu dois passos e se ajoelhou ao seu lado, apoiada em mãos trêmulas. Perto assim, ela viu que a armadura era de couro rígido, esculpido para parecer penas.

— Não consigo tirar a flecha sozinho — disse ele baixinho. — Estão esperando que eu sangre mais um pouco para enfrentar minha espada.

— Quem está esperando? — Era difícil entender que alguém tinha disparado nele com um galho de árvore, mas parecia ser isso que ele dizia.

— Se quiser me ajudar, tire esta flecha. — Os olhos dele se apertaram e ele balançou a cabeça. — Se não quiser, então a empurre o mais fundo que conseguir e torça para me matar.

— Vai sangrar mais — argumentou Kaye.

Ele riu do comentário, um som amargo.

— Tanto faz, sem dúvida.

Ela viu o desespero naquele rosto. Ele obviamente desconfiava de que ela fazia parte de um plano para matá-lo. Ainda assim, deslizou o corpo para poder se encostar no tronco de um carvalho. Estava alerta, esperando para ver o que ela faria.

Ela pensou nos seres encantados que conheceu quando criança, coisinhas endiabradas e velozes, sem menções a guerras, flechas mágicas ou inimigos, e certamente nada sobre maquinações. O homem sangrando na terra ao seu lado era um indicador de como as percepções que ela tinha do Reino das Fadas estavam equivocadas.

Ela recuou da visão do ferimento no peito do macho. Seus pulmões viraram gelo quando ela viu a horrível ferida.

— Eu não consigo.

A voz dele continuou baixa.

— Como te chamam?

— Kaye — respondeu ela. Houve silêncio por um momento e ela reparou na nuvem fria da própria respiração condensar com a palavra.

— Eu sou Roiben. — Fadas não davam seus nomes com facilidade, nem mesmo parte dos nomes, embora ela não tivesse ideia do motivo. Ele tentava lhe mostrar que confiava nela, talvez tentando compensar as suposições que fizera. — Me dê a sua mão.

Ela o deixou segurá-la e guiar até o galho. A pele de Roiben estava fria e molhada, os dedos longos de um jeito inumano e ásperos com calos ao se fecharem sobre os de Kaye.

— Só feche a mão aqui e me deixe puxar — instruiu ele. — Você nem precisa olhar. Desde que eu não encoste na flecha, pode ser que eu consiga tirá-la.

Isso a envergonhou. Ela dissera que desejava ajudar, ele estava sentindo muita dor e não era hora de ficar de frescura.

— Eu faço — decidiu ela.

Roiben a soltou, e ela deu um puxão forte. Apesar de o rosto dele se contrair de dor, o galho só se moveu um pouco.

Ele soltou um gemido baixo.

Havia mesmo outras fadas nas árvores, esperando que ele se enfraquecesse a ponto de ser derrotado? Kaye achava que, se

fosse verdade, aquela seria uma ótima hora para eles descerem e tentar.

— De novo, Kaye.

Ela reparou no ângulo da armadura e mudou de posição para que o galho não prendesse em uma das placas. Ergueu-se parcialmente sobre um joelho e se levantou, puxando para cima com o máximo de força que conseguiu.

Roiben soltou um grito rouco quando o galho se soltou do peito, a ponta de ferro preta de sangue. Seus dedos tocaram na ferida e ele os levantou, sujos de vermelho, como se não acreditasse, de repente, que tinha sido atingido.

— Que corajosa — disse ele, encostando os dedos molhados na perna da garota.

Kaye jogou o galho longe. Estava tremendo e sentia um pouco de sangue na boca.

— Temos que estancar o sangramento. Como sua armadura sai?

Ele pareceu não a entender de imediato. Quando o fez, olhou para ela com algo parecido com incredulidade. Em seguida, se inclinou para a frente com um gemido.

— Tiras. — Ele conseguiu dizer.

Kaye se sentou atrás do macho e procurou as fivelas no couro.

Um vento repentino sacudiu os galhos acima, jogando uma chuva de gotículas sobre eles, e Kaye se perguntou, de novo, sobre as fadas nas árvores. Seus dedos se moviam com pressa. Se aquelas fadas ainda estivessem com medo de Roiben, talvez não tivessem que se preocupar muito mais. Ele parecia prestes a desmaiar.

Para tirar o peitoral, ela precisou não apenas soltá-lo da placa de trás nos ombros e nas laterais. Também havia tiras que o prendiam diretamente nas ombreiras e caneleiras. Por fim, ela conseguiu soltá-lo do peito do macho. Embaixo, a pele exposta estava pontilhada de sangue.

Ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Deixa a chuva limpar.

Ela tirou o próprio casaco e o pendurou em um dos galhos da árvore. A blusa já estava arruinada, ela lembrou a si mesma quando

a tirou. Ela a rasgou em tiras compridas e começou a enrolá-las no peito e braços de Roiben. Ele abriu os olhos quando ela o tocou. Apertou-os e arregalou-os em seguida. A cor era hipnotizante.

Ele se empertigou, horrorizado.

— Você não precisa fazer isso.

— Você precisa tentar se manter acordado — disse Kaye. — Tem algum lugar para onde possa ir?

Ele balançou a cabeça. Tateando perto do corpo, pegou uma folha e a passou na parte interna do peitoral de couro. Saiu vermelha.

— Jogue isto no riacho. Eu... tem um kelpie lá... não há garantias de que eu vá conseguir controlá-lo com esse tempo, mas é alguma coisa.

Kaye assentiu rapidamente, embora não tivesse ideia do que seria um kelpie, e fez menção de pegar a folha.

Ele não a soltou imediatamente.

— Estou em dívida com você. Não gosto de não saber como posso pagá-la.

— Eu tenho perguntas...

Ele deixou que ela pegasse a folha.

— Vou responder três, tão bem e completamente quanto estiver em meu poder.

Como em um conto de fadas, que era no que ela parecia ter tropeçado sem querer.

— Quando você soltar a folha na água, diga “Roiben da Corte Unseelie pede sua ajuda”.

— Para quem eu digo?

— Apenas diga em voz alta.

Ela assentiu de novo e correu na direção da água. A margem íngreme do riacho era cheia de vegetação e vidro quebrado. Raízes, sem a lama que devia cercá-las, se espalhavam pelo chão, como os braços pálidos de cadáveres semienterrados. Ela se proibiu de pensar mais nisso.

Ela se agachou e soltou a folha com o sangue virado para baixo na água. Flutuou ali, girando um pouco. Ela teve medo que ficasse presa na parte rasa e tentou soprá-la para mais longe.

— Roiben da Corte Unseelie pede sua ajuda — disse ela, torcendo para ter falado certo. Nada aconteceu. Ela repetiu, mais alto, se sentindo tola e assustada ao mesmo tempo. — Roiben da Corte Unseelie precisa da sua ajuda.

Um sapo emergiu e começou a nadar em sua direção. Isso teria a ver com um kelpie? Que tipo de ajuda eles conseguiriam em um riacho raso e poluído?

Mas ela viu que tinha se enganado. O que achou serem os olhos de um sapo eram, na verdade, buracos que tremeram conforme uma coisa grande nadava pela água em sua direção. Ela teve vontade de correr, mas a fascinação misturada com a obrigação a manteve imóvel. Os buracos se materializaram em narinas dilatadas no focinho de um cavalo preto que subiu da água preta como se criado do riacho. Musgo e lama escorreram pelos flancos da criatura quando esta virou a cabeça para observar Kaye com olhos brancos luminosos.

Ela não conseguia se mexer. Quantos minutos se passaram enquanto ela olhava para aqueles flancos cinzentos pintados, lisos como pele de foca, e encarava o brilho pouco natural daqueles olhos? A criatura inclinou o pescoço.

Kaye deu meio passo para trás e tentou falar. Nenhuma palavra saiu.

A coisa parecida com um cavalo se aproximou, os cascos afundando na lama e quebrando gravetos. Tinha cheiro de água salobra. Ela deu outro passo para trás e tropeçou.

Ela precisava falar alguma coisa.

— Por aqui. — Isso foi tudo o que conseguiu, além de apontar para as árvores. — Ele está aqui.

O cavalo foi na direção que ela apontou, acelerando para um trote. Só lhe restou ir atrás, tremendo de alívio. Quando chegou à clareira, Roiben já estava montado nas costas da criatura. O peitoral da armadura havia sido preso de modo grosseiro.

Ele a viu sair do meio das árvores e sorriu. Seus olhos pareciam mais escuros ao luar.

— Se eu fosse você, ficaria longe das fadas no futuro. Somos um povo excêntrico, com pouca consideração por mortais.

Ela o encarou de novo. Havia arranhões na armadura dos quais ela não se lembrava. Será que ele fora atacado? Ele mal conseguia levantar a cabeça antes; era impossível acreditar que tivesse lutado com alguma coisa e vencido.

— Aconteceu alguma coisa?

O sorriso do macho se abriu mais e apagou o cansaço do rosto. Seus olhos cintilaram.

— Não desperdice suas perguntas. — O cavalo andou, se movendo como nenhum ser vivo, desviando entre as árvores com velocidade e graça sobrenaturais. Folhas voaram ao movimento das patas. O luar cintilava em seu corpo.

Antes que percebesse, ela estava sozinha no bosque. Sozinha e trêmula e orgulhosa de si mesma. Ela foi pegar o casaco e um brilho chamou sua atenção. A flecha.

Ela se ajoelhou e pegou o galho com a ponta de ferro. Passou o dedo pela superfície áspera e tocou no metal quente demais. Um tremor percorreu seu corpo e ela a largou na lama. O bosque ficou ameaçador de repente, e ela andou o mais rápido que pôde na direção da estrada. Se começasse a correr, achava que não conseguiria parar.



Kaye enfiou os pés no barranco que marcava o limite do gramado da avó e subiu. Passou pela lixeira lotada, pelo carro quebrado, pelas latas de café enferrujadas, presas com arame em uma cerca improvisada para uma hortinha murcha.

Todas as luzes da casa pareciam estar acesas, destacando as cortinas sujas. A televisão tremeluzia na sala.

Ela abriu a porta dos fundos e entrou na cozinha. Panelas e travessas sujas de comida estavam empilhadas na pia. Era tarefa de Kaye lavar tudo. Mas ela apenas foi até o armário, pegou uma cumbuca, encheu de leite e colocou um pedaço de pão dormido por cima. Teria que dar para o gasto, pensou, enquanto abria com cuidado a porta e colocava a tigela no degrau; afinal, as únicas coisas com chance de atrair eram os gatos da região.

Kaye se esgueirou até a sala.

Do outro lado da escada, Ellen estava sentada na frente da televisão, comendo um dos Snickers em miniatura que a avó tinha comprado para dar às crianças no Halloween.

— Me deixe em paz, porra — murmurou ela para a bebida à frente.

— Você acha que eu não sei de nada. Tudo bem, a inteligente é você, né? — disse a avó de Kaye naquela voz doce demais que tanto a irritava. — Se você é tão inteligente, por que está aqui sozinha? Por que a única pessoa a te acolher é a sua mãe velha e burra?

— Eu te ouvi nas primeiras um milhão de porra de vezes que você falou.

— Bom, vai ter que ouvir de novo — argumentou a avó de Kaye. — Onde está sua filha hoje? É quase uma da manhã! Você sequer se importa de ela estar perambulando por aí quem sabe onde, se esforçando tanto pra ser igualzinha...

— Não fala da minha filha! — disse a mãe de Kaye com surpreendente veemência. — Ela está ótima. Deixe ela de fora da sua encheção de saco.

Kaye abaixou a cabeça e tentou subir a escada o mais rápida e silenciosamente que conseguiu.

Ela viu o próprio reflexo no espelho do corredor, rímel e sombra com purpurina borrados nas bochechas e embaixo dos olhos, formando filetes secos e cintilantes que pareciam feitos de lágrimas. Seu batom estava manchado e opaco, formando um arco na bochecha esquerda, onde ela devia ter esfregado com a mão.

Kaye se virou para dar uma olhada furtiva na direção da sala. Sua mãe a encarou, revirou os olhos e fez um sinal esquivo com a mão para ela subir a escada.

— Enquanto ela estiver morando nesta casa, vai ter que seguir as mesmas regras que você seguia. Nem quero saber se ela passou os últimos seis anos em um apartamento infestado de ratos com os vagabundos com quem você se relacionava. De agora em diante, essa garota vai ser criada de maneira decente.

Kaye subiu o resto da escada e foi para o quarto. Fechou a porta o mais silenciosamente que conseguiu.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tithe"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).